

# A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE RISCOS SISTÊMICOS COM JOVENS PESQUISADORES EM CONTEXTO DE POLICRISE

DOI: [doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1654](https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1654)

**AS** favelas e comunidades urbanas no Brasil, sobretudo nos grandes centros, são produto de um antigo processo de espoliação urbana que alia desproteção social e suscetibilidade ambiental, precarizando as condições de vida e saúde das populações que nelas vivem e exponenciando os riscos a que estão expostas. Em um contexto de policrise (Henig & Knight, 2023), reconhecer como estes riscos se apresentam, se sobrepõem e afetam estas comunidades, bem como de que forma tais comunidades percebem e desenvolvem capacidades de resposta local, são desafios centrais para a promoção da saúde que só podem ser compreendidos por meio da imersão em suas dinâmicas. Nesse contexto, a participação passa a ser entendida

não apenas como componente essencial nas respostas a problemas contemporâneos complexos, mas também como controle crítico da produção e aplicação do conhecimento científico, combinando diferentes perspectivas dos cidadãos potencialmente afetados (Funtowicz e Ravetz, 2025).

O projeto “Jovens Pesquisadores de Heliópolis” explorou a aplicabilidade de um modelo de avaliação de risco sistêmico, desenvolvido pela ASRA – Accelerator for Systemic Risk Assessment (Gambhir et al., 2025), testando-o a partir das perspectivas e conhecimentos de jovens pesquisadores de Heliópolis, a maior favela de São Paulo. Localizado na zona sudeste da cidade, o território abriga aproximadamente 200 mil pessoas, surgiu nas décadas de 1960 e 1970



**Luciana Maciel Bizzotto**  
Faculdade de Saúde Pública da USP

**Leonardo Musumeci**  
Faculdade de Saúde Pública da USP  
/ IAB / APSP

**Yorman Paredes-Marquez**  
Faculdade de Saúde Pública da USP

**Leandro Luiz Giatti**  
Faculdade de Saúde Pública da USP

e é marcado por alta densidade populacional, lacunas de infraestrutura urbana e acesso insuficiente a direitos e políticas públicas, condições estas que tornam sua população particularmente exposta a riscos sistêmicos como mudanças climáticas, impactos da Covid-19 e insegurança alimentar. É nesse contexto que atua o Observatório De Olho na Quebrada, grupo vinculado à UNAS (União de Núcleos e Associações dos Moradores de Heliópolis e Região), fundada em 1978 no bojo das lutas pela moradia, no qual jovens da própria favela desenvolvem métodos de pesquisa e produzem investigações sobre os problemas urgentes da comunidade. A parceria com o Observatório, iniciada no projeto **PANEX-YOUTH**, foi o ponto de partida para a investigação, que buscou avaliar o modelo da ASRA engajando os jovens na hibridização de conhecimentos técnico-científicos e populares, por meio da identificação de riscos locais e da construção coletiva de respostas ancoradas nas dinâmicas do território.

Partimos do conceito de policrise, que designa a simultaneidade de crises que se aceleram e se inter-relacionam, transcendendo fronteiras de tempo e espaço por camadas sociais, ambientais, políticas e econômicas (Henig & Knight, 2023). A noção tem sido associada à predominância de riscos e incertezas que revelam problemas persistentes do nosso tempo, com forte componente interseccional. Seus severos efeitos em cascata não se distribuem de forma

homogênea: somam-se e agravam situações preexistentes nas periferias urbanas, aprofundando desigualdades estruturais. Ao mesmo tempo, comunidades urbanas têm demonstrado a viabilidade de práticas sociais e saberes comunitários para a promoção da saúde e da sustentabilidade. No entanto, tais conhecimentos são sistematicamente marginalizados, contribuindo para ampliar a incerteza em torno de cadeias complexas de consequências para grupos periféricos (Scoones e Stirling, 2020).

A pesquisa consistiu em um processo de aplicação e reinterpretação, a partir da perspectiva jovem local, da proposta da ASRA (Gambhir et al., 2025), realizado por meio de pesquisa-ação participativa (Wallerstein et al., 2017), envolvendo pesquisadores da Faculdade de Saúde Pública da USP e da Universitat Oberta de Catalunya e nove jovens do Observatório (6 mulheres e 3 homens, entre 17 e 24 anos). Ao longo de onze workshops, realizados entre agosto de 2024 e fevereiro de 2025, mobilizamos ferramentas como círculos de cultura, photovoice, world café e mapas falantes. Complementarmente, aplicamos questionários online via WhatsApp, organizados em dois eixos: o primeiro captou percepções sobre incerteza, mudanças climáticas e insegurança alimentar; o segundo explorou princípios centrais à avaliação de riscos sistêmicos, como justiça, equidade e agência individual e coletiva.



processo



photovoice

Figura 1: Metodologias participativas com jovens do Observatório De Olho Na Quebrada

Fonte: Acervo de pesquisa (2025).

Com base no debate sobre as interseções e os efeitos em cascata das mudanças climáticas, dos impactos da pandemia e das condições crônicas de insegurança alimentar, a avaliação identificou os seguintes riscos, entre outros:

1. Riscos de realizar pesquisas na comunidade: a pesquisa em Heliópolis é atravessada por relações de poder e interesses significativos no território, vinculados tanto à ação do Estado quanto à sua ausência. O fato de os pesquisadores serem moradores da própria comunidade pode expô-los a riscos caso o trabalho seja percebido como denúncia por atores locais.

2. Riscos de incêndios: como outras favelas brasileiras, Heliópolis combina alta densidade populacional, sistemas elétricos precários, calor urbano extremo e crescimento acelerado. As condições urbanísticas, como a estreiteza das vias e a proximidade entre edificações, facilitam a propagação do fogo e dificultam o acesso de bombeiros e serviços de emergência.

3. Racismo ambiental: tema recorrente nas pesquisas do Observatório, as discussões centraram-se no acesso desigual à internet, nas enchentes urbanas recorrentes e na implantação de um conjunto habitacional popular em área de contaminação química — episódio que evidência o descaso público com a favela e impõe aos moradores incerteza sobre os riscos a que estão expostos.

4. Desigualdades e problemas crônicos: déficits persistentes como falta de água e energia, riscos de incêndio, ausência de espaços de lazer e escassez de áreas verdes caracterizam a vida cotidiana em Heliópolis. Além de expressarem a insuficiência histórica da ação estatal, esses problemas foram destacados pelos jovens por seu potencial de agravar e retroalimentar crises maiores, como as mudanças climáticas e a insegurança alimentar.

5. Novas formas de viver e ameaça ao senso de comunidade: o senso de comunidade é um dos recursos mais estratégicos de territórios vulneráveis, por sua capacidade de mobilizar capital social local em resposta a crises. No entanto, esse tecido coletivo vem sendo tensionado por novas formas de habitar a favela, com impactos sobre a agência subjetiva e coletiva dos moradores diante dos múltiplos desafios que afetam Heliópolis.

O mapa de Kernel (figura 2) sistematiza alguns dos riscos identificados pelos jovens ao longo dos workshops. Trata-se de um registro do conhecimento que esses jovens detêm sobre seu território, que é preciso, situado e frequentemente invisibilizado pelas instituições convencionalmente responsáveis pela produção de dados sobre comunidades periféricas. Ao reconhecerem riscos como altas temperaturas, enchentes, vulnerabilidade socioeconômica e incêndios, os jovens pesquisadores de

Heliópolis se afirmam como sujeitos capazes de nomear, analisar, comunicar e agir perante os desafios que enfrentam cotidianamente. Ao posicioná-los como produtores de conhecimento sobre seu próprio território, o projeto questiona a lógica que historicamente reserva às comunidades o papel de objeto, e não de sujeito, da pesquisa e da gestão do risco.

A abordagem híbrida adotada produziu inovações que não seriam possíveis sem o diálogo entre conhecimento técnico-científico e saber comunitário, acrescentando um nível de sofisticação analítica e de diálogo situado com informações inesperadas para a descrição das periferias urbanas. Esse processo permitiu compreender os mecanismos e agências locais que caracterizam as redes de colaboração comunitária, o que os próprios jovens nomearam como “senso de comunidade” e que é um recurso fundamental para a promoção da saúde local.

Para concluir, destacamos algumas das principais lições aprendidas com essa experiência. A avaliação de riscos e capacidades se amplia significativamente quando realizada junto à comunidade, pois revela fatores desconhecidos para avaliadores externos e frequentemente ausentes nos dados produzidos institucionalmente. As respostas ancoradas no senso de comunidade e no capital social local expressam uma diversidade de soluções criativas que apontam para futuros não imaginados pelos modelos convencionais de gestão de risco. Para que esse potencial se realize, é fundamental desenvolver traduções interculturais do conhecimento técnico-científico, produzindo hibridizações que promovam inteligibilidade mútua entre os diferentes atores envolvidos por meio do processo dialógico. Esse processo abre caminhos para identificar e potencializar capacidades locais de adaptação diante das crises, especialmente à luz das intersecções inerentes às mudanças climáticas e aos demais riscos sistêmicos. Tal movimento é fundamental, pois estimula a criação de espaços para o protagonismo de jovens pesquisadores na construção de territórios justos e sustentáveis.

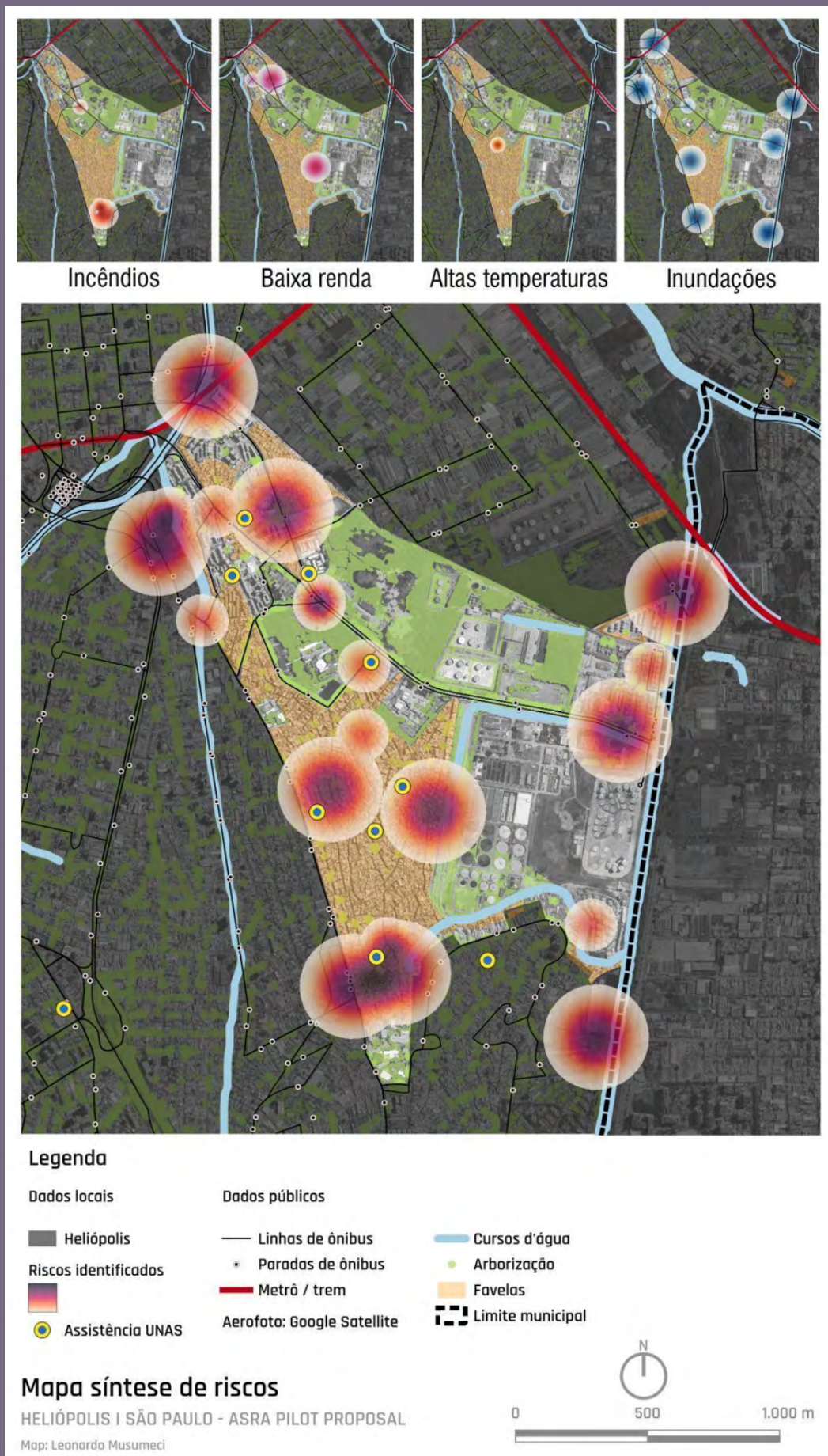


Figura 2 - Mapa de Kernel de percepção de riscos em Heliópolis, São Paulo (SP)

Fonte: Acervo de pesquisa (2025).

## Referências

FUNTOWICZ, S.; RAVETZ, J. Knowledge, power, and participation in the post-normal age. *Ecological Economics*, 237:108716, 2025.

GAMBHIR, A. et al. A systemic risk assessment methodological framework for the global polycrisis. *Nature Communications*, 16:7382, 2025.

HENIG, D.; KNIGHT, D. Polycrisis: Prompts for an emerging world-view. *Anthropology Today*, v. 39, n. 2, p. 3-6, 2023.

SCOONES, I.; STIRLING, A. The Politics of Uncertainty: Challenges of Transformation. Taylor & Francis, 2020.

URBINATTI, A.; OMORI-HONDA, S.; DE CARVALHO, C.; FREY, K.; JACOBI, P.; GIATTI, L. 'Nexus' Narratives in Urban Vulnerable Places: Pathways to Sustainability via Municipal Health Programs in Brazil. *World*, 4:21-36, 2023.

WALLERSTEIN, N. et al. Shared Participatory Research Principles and Methodologies: Perspectives from the USA and Brazil — 45 Years after Paulo Freire's "Pedagogy of the Oppressed." *Societies*, 7:6, 2017.